

1964: COTIDIANO E POLÍTICA

Letícia Nunes de Góes Moraes¹

“É mais fácil derrubar um ditador do que mudar a cabeça das pessoas”. Este conhecido ditado popular parece ter sido desmentido no Brasil dos anos 60. A observação das transformações ocorridas na sociedade brasileira, sobretudo após a instauração do regime militar a partir do golpe de abril de 1964, revela um endurecimento político baseado num aparato repressivo cuidadosamente construído, com o objetivo de cercear e punir idéias políticas diferentes daquelas que sustentavam a ditadura instaurada. Paralelamente, no campo social/cultural, observou-se a abertura dos costumes e dos comportamentos. Algumas das sementes destas transformações podem ser encontradas nos artigos assinados por David Nasser, em *O Cruzeiro*², e por Carmen da Silva, na revista *Claudia*³, às vésperas da deflagração do golpe.

Filho de imigrantes libaneses, David Nasser nasceu no interior de São Paulo. Foi um dos grandes nomes da história da imprensa brasileira. Brilhante escritor e poeta, sua trajetória se confunde em alguns momentos com a da revista *O Cruzeiro*, onde permaneceu durante 31 anos: de 1943 a 1974. Ali alcançou fama e notoriedade por sua atuação como repórter, ao lado do fotógrafo francês Jean Manzon, ainda na década de 40. Juntos, eles foram pioneiros de grandes reportagens no País. Em 1959, David Nasser tornou-se, além de principal redator, um dos diretores da revista e passou a assinar o primeiro artigo do semanário, em página dupla, em geral, sobre um tema político. É sobre esta sua faceta de

¹ Letícia Nunes de Góes Moraes é doutoranda em História Social pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

² Lançada em novembro de 1928, *O Cruzeiro* é a revista que mais tempo permaneceu em circulação no mercado brasileiro, tendo existido durante 50 anos. Título dos Diários Associados do empresário Assis Chateaubriand, obteve recordes de tiragem tendo alcançado o pico após o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954: 720 mil exemplares quando a população brasileira girava em torno dos 45 milhões de habitantes. Revista semanal ilustrada de fatos diversos, dirigia-se ao grande público.

³ Em circulação até os dias de hoje, *Claudia* foi lançada pela Editora Abril em 1961 dirigindo-se inicialmente à mulher dona-de-casa.

cronista político a que nos referimos neste trabalho, especificamente às crônicas publicadas entre janeiro de 1963 e abril de 1964.

A psicóloga e jornalista gaúcha Carmen da Silva estreou na imprensa brasileira como responsável pela seção “A Arte de ser mulher” na revista *Claudia*, a partir de setembro de 1963. Através desta coluna transformou o tradicional modelo de consultório sentimental de revistas femininas introduzindo a psicanálise no diálogo com as leitoras. Para contemplar o mesmo período selecionado para as crônicas de David Nasser no que se refere às questões de cotidiano, acompanhei paralelamente a seção feminina de consultório sentimental mantida pela revista *O Cruzeiro*, durante o ano de 1963. Esta seção, assinada por Maria Teresa, um pseudônimo, chamava-se “Da Mulher para a mulher”, foi criada em 1940 e perdurou até novembro de 1963.

Política – Cronista político de verve genial, David Nasser conspirou ativamente para a deposição do presidente João Goulart. Em sintonia com o pensamento da grande imprensa na época, o discurso político de Nasser reitera a argumentação de alguns conspiradores que diziam acreditar que a intervenção militar seria pontual e deveria garantir a legalidade na transição do governo sucessor de João Goulart, impedindo a chegada do “perigo comunista” e preservando as liberdades democráticas, como mostra este artigo:

“Nunca a idéia deste País, tão manso em sua maneira de ser, tão despreocupado e agradável, transformado numa república sindicalista ou proletária, ou algo parecido, havia passado por minha cabeça. (...)”

Não tardará o momento em que uma chuva de sangue desabe sobre esta Nação, até agora feliz. O Brasil mudou, e hoje aceito tristemente a hipótese de ser ocupado pelos comunistas sem que tenham necessidade de disparar um tiro.”

“(...) Atentem bem os dirigentes políticos brasileiros, os democratas – para um detalhe importante: não é desmoralizando as Forças Armadas nem procurando substituí-las que se evita o perigo comunista. Mais de uma vez tenho dito que os militares brasileiros são classes médias de uniformes, são democratas e tem a defender, com o Brasil democrático, inclusive as suas carreiras.”⁴

⁴ NASSER, David. “Aurora Vermelha”, in: *O Cruzeiro*, 23/11/1963, p. 6.

Em outro artigo, Nasser reforça seu apoio à intervenção militar na política nacional autodenominado-se um democrata. E conclama quem mais assim se considerar, a formar uma “santa aliança” defendendo a legalidade ameaçada pelo perigo de um golpe comunista. Os demais, os antidemocratas, devem se calar. Procura desta forma unificar o discurso da conspiração e silenciar as resistências:

“O Exército (e como exército se aceite a principal força militar) é o defensor, executor e o mantenedor da legalidade, e não o seu intérprete, o seu jurista (...).

Ninguém pode falar em nome do Exército Brasileiro, da Marinha Brasileira, ou da Força Aérea Brasileira – se a sua fala é antidemocrática. Tenho repetido que os militares são simples civis de uniforme, são cidadãos da classe média que enfrentam os mesmos problemas, sofrem as mesmas angústias, sentem as mesmas depressões, os mesmos temores, as dificuldades iguais às de todos os brasileiros. (...)

Todos nós, democratas, devemos considerar as Forças Armadas como a base de uma santa aliança contra a invasão comunista do Brasil.”⁵

Este mesmo artigo foi publicado novamente após o golpe, em 25/04/1964, porém com a seguinte frase no topo da página: *“Três meses antes, este artigo de David Nasser profetizava o que iria acontecer no Brasil”*. O “profeta” David Nasser se manifestou novamente na semana seguinte, em 02/05/1964, quando publicou “Caiu de burro”, desta vez sobre João Goulart. A coletânea de advertências dirigida ao presidente foi apresentada ao público com as seguintes palavras: *“Longos, longos meses, adverti a Nação da marcha batida do Sr. João Goulart para a deposição ou a renúncia. O Brasil não acreditava. O presidente sorria. Aí estão, recortadas, algumas palavras que seriam realmente proféticas se o destino de João Goulart não fora um livro aberto.”*⁶

Ao final deste texto, foi publicado fac-símile de telegrama que Chateaubriand teria enviado ao jornalista, com o seguinte teor: *“Esta vitória teve em você um dos seus mais formidáveis generais. Foi o maravilhoso anjo vingador. Chateaubriand.”* A mensagem mostra que houve uma participação ativa, um envolvimento concreto, de David Nasser na

⁵ NASSER, David. “O Grande Mudo”, in: *O Cruzeiro*, 15/02/1964, p. 4

⁶ NASSER, David. “Caiu de burro”, in: *O Cruzeiro*, 02/05/1964, p. 4.

conspiração para a derrubada de João Goulart, contando inclusive com apoio do dono dos Diários Associados.

Explorando sua habilidade com as palavras e sua força política, David Nasser contribuiu para o fim da carreira política de muita gente importante. E orgulhava-se disso. No trecho transcrito a seguir, disputa com Chateaubriand a responsabilidade pelo assassinato político do ex-presidente Juscelino Kubitschek:

“Permita-me, Chefe, que não aceite de suas mãos de anatomista, o cadáver insepulto do homem que ajudei a assassinar politicamente. Permita-me dizer-lhe, companheiro, da Casa Amarela, que o verdadeiro Juscelino é o seu Juscelino de ontem, o meu Juscelino de hoje. Somos um trio desafinado.”⁷

Se como cronista político usava a palavra como arma para assassinar politicamente seus adversários, fora da imprensa também defendeu o uso de outras armas. Apesar de menos divulgado, é digno de nota o envolvimento de David Nasser com o Esquadrão da Morte. Segundo Luiz Macklounf Carvalho, desde 1947, Nasser defendia publicamente a *“execução dos fora-da-lei, o olho-por-olho-dente-por-dente, a pena de morte”*, contudo:

“No começo dos anos 60, Nasser estabeleceu novas amizades com uma turma de investigadores da polícia civil – aquela que mais tarde viria a ser conhecida como ‘onze homens de ouro’ ou Esquadrão da Morte, ou, ainda, Scuderie Lê Cocq. (...) essa relação informal (...), iria se tornar oficial entre o final de 63 e o golpe militar, quando Nasser levou os ‘empreiteiros de Jesus’, como os chamava, para dentro de casa.”⁸

Em artigo publicado em 30/03/1963, Nasser defende publicamente a atuação do Esquadrão da Morte. O mote do artigo foi o assassinato de um rapaz por outros jovens menores de idade; a vítima era filho de um colega jornalista de *O Cruzeiro*:

“Pobres dos agentes da lei que se atrevessem a executa-los, no cumprimento da missão, em defesa da própria vida ou de outrem. Respondiam criminalmente a todos os processos, iam ao banco dos réus, perdiam meses nas salas dos tribunais – e corriam o risco de uma sentença desfavorável. Era o abominável Esquadrão da Morte”.⁹

⁷ Ibidem.

⁸ CARVALHO, Luiz Maklounf. *Op. cit.*, p. 412-414.

⁹ NASSER, David. “Só mesmo à bala”, in: *O Cruzeiro*, 30/03/1963, p. 4.

Brilhante escritor, David Nasser foi também dono de uma personalidade autoritária bastante identificada com o regime militar e autoritário que ajudou a implantar.

Cotidiano – Carmen da Silva começa a escrever em *Claudia* em setembro de 1963. Em artigo publicado em 1967 na revista *Realidade*¹⁰, a autora explica sua inovadora proposta:

“Através das páginas da revista *Claudia* venho realizando há três anos a experiência de substituir o **consultório sentimental** pelo **consultório de orientação psicológica**. (...)

A diferença entre os dois tipos de consultório, entretanto, não é determinada pelo conteúdo das consultas, mas sim pelo modo de focalizá-las e respondê-las. Sei, por exemplo, que não adianta recomendar à insone que tome um chazinho antes de se deitar e só pense em coisas agradáveis; procuro nas entrelinhas da sua carta, na escolha das palavras, nas vacilações, nas contradições, nas omissões (mais evidentes do que se supõe), nos fatos apenas sugeridos, o conflito ou sentimento que sua consciência está evitando tão tenazmente a ponto de ela poder abandonar suas defesas e dormir. (...) Descobrimos ‘segredos’ que o próprio consulente ignora, através de pistas que ele nem sabe que deu, meu propósito é despertar-lhe o maior grau possível de **consciência de si mesmo no mundo**.¹¹

A seção mantida por *O Cruzeiro*, ‘Da mulher para a mulher’ exemplifica o modelo tradicional de consultório sentimental. Ali Maria Teresa, comunicava-se com suas leitoras de maneira direta e pessoal. Às vezes, o conselho da jornalista parecia uma mensagem cifrada, repleta de generalizações (tudo, todos, aquela, isso etc.), como neste exemplo, no qual a leitora pergunta: “*devo contar tudo à minha sogra?*” E recebe a seguinte resposta: “*você tem obrigação moral de falar com sua sogra, mas omita o acontecido antes do casamento, pois ela poderia se apegar a isso para repudia-la*”.¹²

Além das generalizações, a linguagem empregada por Maria Teresa possuía uma série de características específicas que a diferenciavam, por exemplo, da linguagem

¹⁰ Revista mensal publicada pela Editora Abril, entre 1966 e 1976. Veículo da chamada grande imprensa, *Realidade* circulou nacionalmente. Criadora de um jornalismo inovador, seja pelos temas de que tratava, seja pela forma como o fazia, a revista dirigia-se predominantemente à elite nacional, ou seja, à chamada classe média. Por afinidade com esta proposta inovadora, Carmen da Silva, era freqüentemente convidada a assinar artigos em *Realidade*.

¹¹ SILVA, Carmen da. “Consultório Sentimental”, in: *Realidade*, nº 10, janeiro de 1967, p. 86. grifo original.

¹² *O Cruzeiro*, “Da Mulher para a mulher”, 15/03/1952, p. 124.

tipicamente jornalística, marcada pelo emprego do modo verbal indicativo. Contrariamente, a jornalista utiliza com grande frequência o imperativo numa franca atitude impositiva e dominadora. Frases como “compreenda isso...”, “não espere que seu marido...”, “esclareça a situação...” são comuns nos textos de Maria Teresa.

Merece destaque ainda, no que se refere à linguagem, os constantes silêncios e omissões. Assim como Maria Teresa mostra ter pontos de vista rígidos sobre condutas morais adequadas àquela realidade social, estabelece também limites muito bem definidos sobre o que pode e o que não pode ser dito publicamente, como mostra o seguinte diálogo entre Maria Teresa e uma leitora que pede: *“quero uma resposta mais clara”*. Ao que é respondido: *“infelizmente nem sempre posso ser tão clara quanto desejaria e quanto desejariam as pessoas que me consultam. É fácil imaginar por quê.”*¹³

Quando se falava sobre questões como sexo, desejo, virgindade, adultério, etc., não usa estas palavras, preferindo substituí-las por outras, como estas: “erro”, “leviandade”, “capricho” etc. Embora, em 1963, já fosse possível ler na seção “Da mulher para a mulher” a expressão “atração física” ainda que o conselho seja o mesmo – esquecer tal romance sem futuro ignorando o próprio desejo:

“Ou também o que acontece muito freqüentemente, está confundindo amor sincero com simples atração física.

(...) Normalmente, o que caberia a essa moça fazer? Procurar distrair-se para esquecer aquele amor que não lhe convinha. Com a sua ousadia e com o seu afastamento o rapaz deixou bem claro que não gostava dela, mas apenas deseja usufruir das vantagens materiais – ou para usar o termo mais expressivo – as facilidades sensuais que sua aproximação lhe proporcionava.”¹⁴

Carmen da Silva, mensalmente escrevia artigos que versavam sobre um único tema definido a partir da leitura das cartas que as leitoras lhe enviavam. Esta foi a forma encontrada para conscientizar suas leitoras sobre o lugar de cada uma no mundo. Logo no primeiro artigo, intitulado “A Protagonista”, convida-as a serem *“protagonistas de duma aventura apaixonante e singular: que é nossa própria vida”*:

¹³ “Da Mulher para a mulher”, in: *O Cruzeiro*, 15/03/1952, p. 124.

¹⁴ “Da mulher para a mulher”, in: *O Cruzeiro*, 19/01/1963, p. 80

“Muitas mulheres se casam esperando que o amor lhes dê felicidade; trabalham pensando que um emprego lhes dará independência, ou estudam com o objetivo de que uma carreira lhes dê prestígio. Nos três casos partem de premissas errôneas: a felicidade, a independência, o prestígio e os demais bens da vida não são outorgados a ninguém em bandeja de prata. O amor de outrem, o trabalho e a carreira em si, não dão nada: constituem apenas **instrumentos que nos ajudam a construir o que desejamos**. A palavra construir sugere a idéia de tarefa, de esforço inconsciente e intencional: nada mais oposto à atitude passiva e estéril de esperar que as coisas fundamentais nos chovam do céu.”¹⁵

O trabalho de conscientizar suas leitoras, é feito utilizando conceitos de psicanálise, como neste outro trecho do mesmo artigo:

“A protagonista de sua própria vida opta, resolve e conquista **a partir de si mesma**, isto é, conta com um centro de gravidade interno, um eixo em redor do qual giram suas decisões e seus atos.

Este eixo é o **eu**. Não um eu-miragem, um eu-fantasia, arbitrariamente inventado à medida dos nossos devaneios, mas um eu-real, isto é, um conjunto de necessidades, aspirações, possibilidades e limitações, avaliadas com a máxima honestidade e aceitas com o máximo realismo.”¹⁶

Aceitar-se não é como crê muita gente, prestar cumplicidade aos seus defeitos, proclamando-os com certa complacência vaidosa. Se permitimos que as facetas negativas imprimam a tônica de nossa conduta, estaremos sendo “vivas” pelo que temos de pior: barquinhos à deriva feitos com madeira de má qualidade...

É importante lutar contra as próprias falhas e pontos fracos, mas é igualmente importante não tomar como deficiências certas características pessoais que não o são. Quem não nasceu para fazer grandes coisas e colher triunfos não deve se considerar diminuída por isso.”¹⁷

Carmen da Silva admite, contudo, as limitações desta forma de comunicação:

“A comunicação com o público no nível da psicologia nas páginas de uma revista apresenta desoladoras limitações. Só posso fazer o consulente olhar para dentro de si, analisar-se tanto quanto ele puder. Aponto caminhos, abro perspectivas mas a possibilidade de segui-los e aproveitá-los depende da extensão e profundidade de seus problemas íntimos.

Às vezes percebo, com alegria, que basta orientar o desorientado, desmanchar equívocos mais intelectuais que afetivos, desatar um nozinho aqui outro ali, dar um empurrãozinho, enfim. Mas outras vezes tenho a consciência de que minha ajuda não modificará nada. Por correspondência não se cura uma neurose, não se altera um padrão de reações já estruturado em bases mórbidas.”¹⁸

¹⁵ SILVA, Carmen da. “A Protagonista”, in: *Claudia*, setembro de 1963, p. grifo da autora.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

¹⁸ SILVA, Carmen da. “Consultório Sentimental”, in: *Realidade*, nº 10, janeiro de 1967, p. 86.

Em um livro de memórias, Carmen da Silva, conta com foi a repercussão do seu trabalho em *Claudia*: *“Meus artigos caíram como UFOs incandescentes no marasmo em que dormitava a mulher brasileira naquela época. Logo comecei a receber uma avalanche de cartas em todos os tons: desesperados apelos, xingamentos, pedidos de clemência: deixe-nos em paz, preferimos não saber! Consciência dói – olé se dói, mais do que ‘patada em los huevos’ – e lá vinha eu mês a mês com a minha lengalenga, remoendo, insistindo, revolvendo as feridas.”*¹⁹

Os projetos de sociedade ideal presentes tanto em *Claudia* como em *O Cruzeiro* não permaneceram inalterados, ao contrário, amoldaram-se constantemente às mudanças vivenciadas pela sociedade. O que faz da imprensa um agente receptor das transformações sociais, assim como os leitores são receptores do projeto imposto pela revista. Imprensa e sociedade mantêm, portanto, uma relação de reciprocidade exercitada cotidianamente.

Com sua insistência Carmen da Silva contribuiu decisivamente para o processo de transformação dos comportamentos assistidos no Brasil ao longo dos anos 60 e 70. Particularmente interessante, contudo, é perceber que este processo se deu em meio à constituição de um regime autoritário implantado por militares após um golpe de Estado, no qual David Nasser teve participação ativa, como conspirador. Como isso foi possível é o que procuro compreender conhecendo em cada uma das revistas estudadas os diferentes projetos de sociedade propostos, pois em ambas é possível observar a atuação da imprensa interferindo no cotidiano dos seus leitores e leitoras: dos rumos da política nacional aos seus laços afetivos e familiares.

¹⁹ SILVA, Carmen da. *Histórias Híbridas de uma senhora de respeito*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 120.